

ExTrad - Projeto Tradução e Empoderamento da Mulher

A LINGUAGEM INCLUSIVA NA TRADUÇÃO



Autoras:

Alice de Fátima de Oliveira Machado

Tânia Liparini Campos

2016

O projeto Tradução e Empoderamento da Mulher (PROBEX)



- Criado em 2016, coordenado pela professora Tânia Liparini Campos;
- Objetivo principal: contribuir para o fortalecimento de movimentos de mulheres e feministas, facilitando o acesso à informação sobre questões de gênero e afins disponíveis apenas em língua estrangeira;
- Em 2016, desenvolveu atividades em parceria com:
 - Cunhã Coletivo Feminista (organização social sem fins lucrativos, fundada em 1990, na Paraíba; atua junto a grupos de mulheres em situação de pobreza, nos contextos urbano e rural);
 - Universidade Livre Feminista - ULF (plataforma *online* sobre feminismo, aberta a mulheres e homens de todo o país, construída de forma coletiva e colaborativa, que promove cursos e fóruns virtuais de debate).

O projeto Tradução e Empoderamento da Mulher (PROBEX)



- Além de contribuir com movimentos sociais feministas, o projeto também visa entender melhor sobre:
 - As questões de gênero;
 - O uso da linguagem inclusiva; e
 - As formas de visibilidade da mulher em textos diversos.
- Pesquisa e discute escolhas tradutórias usando a linguagem inclusiva e estratégias de equidade na língua, como:
 - O uso de barras para indicar ambos os gêneros; e
 - O uso de gerúndios; palavras genéricas, neutras e abstratas; conjugações verbais e outras alternativas que possibilitem a adequação da linguagem a ambos os gêneros.

A linguagem inclusiva



O que é?

- Na língua portuguesa (e em outras línguas), é comum o uso exclusivo do gênero gramatical masculino para designar o conjunto de homens e mulheres, ainda que morfologicamente existam formas femininas.
- Admite-se sem dificuldade que o gênero masculino “engloba” o feminino, como é o caso da utilização frequente da expressão “os homens” como sinônimos de “a humanidade”. Tomando a parte pelo todo, os homens são identificados pela universalidade dos seres humanos.
- A linguagem inclusiva propõe a eliminação do uso do masculino genérico e a sua substituição por formas não discriminatórias que respeitem o direito de homens e mulheres à representação linguística da sua identidade e impliquem o reconhecimento de que nenhum dos dois sexos tem o exclusivo da representação geral da humanidade ou da cidadania.

A linguagem inclusiva



Por que usar?

- A prática não discriminatória da linguagem obedece a dois princípios fundamentais: a **visibilidade** e a **simetria** das representações dos dois sexos.
- É um exercício que exige uma atenção permanente. A língua está viva e, portanto, em constante evolução. Já não se justifica dizer que a **gramática exige** o uso do masculino quando nos referimos a homens e mulheres, impondo que o masculino (homem) seja empregado como norma, ficando o feminino (mulheres) incluído como referência ao discurso masculinizado.
- A ideia da linguagem inclusiva de gênero é desconstruir a noção de masculino como universal e o uso sexista da língua na expressão oral e escrita, que só reforçam as relações assimétricas e nada equitativas de gênero.

A linguagem inclusiva



Deve-se usar @, x, barras ou parênteses?

- O uso do “@” e do “x” truncam a leitura e prejudicam o acesso a deficientes visuais que utilizam equipamentos de leitura eletrônicos.
- Os parênteses são usados para marcar o plural adicional - “segue(m) anexo(s)”. Não é uma forma adequada para a representação simétrica do gênero feminino, pois reforça a interpretação das mulheres como ‘menores’ ou ‘secundárias’.
- O emprego de barras pode ser um recurso adequado no caso de formulários, porque traz uma relativa economia de espaço - “o/a contribuinte”, “a/o médica/o”. Entretanto, às vezes pode dificultar a leitura.

É aconselhável procurar soluções menos ambíguas e de melhor legibilidade, como as formas duplas ou os genéricos universais.

Escolhas inclusivas na tradução



- Cada língua tem sua particularidade quanto ao gênero, e cada uma pedirá soluções diferentes ao traduzir;
- No inglês, a maioria dos substantivos que se referem a pessoas e a suas profissões/funções são neutros - [*doctor, lawyer, teacher, student, translator*];
- Ao traduzir para o português, é possível:
 - Usar a barra para separar as duas formas [tradutor/a];
 - Escrever as duas palavras [‘o tradutor e a tradutora’];
 - Eliminar o artigo, quando possível, nos substantivos comuns de dois gêneros [~~‘os estudantes e os docentes’~~ = ‘estudantes e docentes’];
 - Usar termos genéricos [‘pessoas’, ‘crianças’], coletivos [‘gerência’, ‘eleitorado’] ou pronomes invariáveis [‘quem’, ‘alguém’].
- É conveniente alternar a ordem dos gêneros e não antepor sempre o masculino ao feminino.



Escolhas inclusivas na tradução

Alguns exemplos trabalhados no projeto:

1. Editais internacionais (União Europeia / MamaCash / Baxter Foundation)

| Texto-fonte: | Tradução: |
|-------------------------------------|--|
| Applicant, co-applicant | Candidato/a Substantivo comum de dois gêneros: Requerente, co-requerente |
| Donors to the action | Doadores/as Genérico: Doações à ação |
| Final beneficiaries | Barra: Beneficiárias/os finais |
| List the names of your main funders | 1. Barra: Liste principais financiadores/as 2. Coletivo: Liste principais entidades financiadoras |

Escolhas inclusivas na tradução



2. Texto “The Canadian feminists’ translation project” - Simona Bertacco

2.1 Quando “*author/translator/critic*” se refere aos dois gêneros

| Texto-fonte: | Tradução: |
|--|---|
| <p>“Translation [...] is able to project the image of <u>an author</u> and/or those works beyond the boundaries of their culture of origins”. (Lefevere, 1992)</p> | <ol style="list-style-type: none"> 1. Barra: [...] é capaz de projetar a imagem de <u>um/a autor/a</u> e/ou das obras... 2. Duas formas: [...] é capaz de projetar a imagem de <u>autoras e autores</u>, e/ou das obras,... 3. Genérico: [...] é capaz de projetar a imagem <u>da pessoa que escreve</u> e/ou das obras... |



Escolhas inclusivas na tradução

2.2 Quando os substantivos falam diretamente sobre feministas ou há indicação do gênero do sujeito

| Texto-fonte: | Tradução: |
|---|--|
| <p>...feminist translation theory has assumed a new role within Translation Studies thanks to the work of feminist critics and translators emerging from the Canadian context...</p> | <p>...a teoria feminista da tradução assumiu um novo papel no âmbito dos Estudos da Tradução, graças ao trabalho de críticas feministas e tradutoras que emergem do contexto canadense...</p> |
| <p>...a central role has been played by feminist experimental writers...</p> | <p>...escritoras experimentais feministas desempenharam um papel central...</p> |
| <p>...the replacement of the modest, self-effacing translator. Taking her place would be an active participant in the creation of meaning who advances a conditional analysis...</p> | <p>“a substituição da tradutora modesta, discreta. Em seu lugar, entraria uma participante ativa na criação de significado [...]”</p> |



Escolhas inclusivas na tradução

2.3 Quando o substantivo é dúbio

| Texto-fonte: | Tradução: |
|--|---|
| <p>...Godard [...] plays with the signifier, with the graphic layout of the text, with the resulting semantic ambiguity, in order to lead <u>the reader</u> to focus on language and its conventions.</p> | <p>The reader = a leitora? o leitor e a leitora?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pronome invariável: [...] de modo a levar <u>quem está lendo</u> a focar na linguagem e em suas convenções. 2. Genérico: [...] de modo a levar <u>a pessoa que está lendo</u> a focar na linguagem e em suas convenções. <p>Não usar “aquele” pois se torna substantivo masculino: [...] de modo a levar <u>aquele que está lendo</u> a focar na linguagem e em suas convenções.</p> |

Escolhas inclusivas na tradução



2.4 Quando é possível generalizar ou usar os dois substantivos

| Texto-fonte: | Tradução: |
|---|---|
| <p>Does <u>the translator</u> simply have the right to counteract <u>the author</u>'s intention whenever <u>s/he</u> wants?</p> | <p>1. Barra: Será que <u>o/a tradutor/a</u> simplesmente tem o direito de contrariar a intenção <u>do/a autor/a</u> sempre que <u>ele/ela</u> quiser?</p> <p>2. Duas formas: Será que <u>tradutoras e tradutores</u> simplesmente têm o direito de contrariar a intenção de <u>autoras e autores</u>, sempre que quiserem?</p> <p>3. Pronome invariável: Será que <u>quem traduz</u> simplesmente tem o direito de contrariar a intenção de <u>quem escreve</u>, sempre que quiser?</p> |

Escolhas inclusivas na tradução



2.5 Quando é um trocadilho ou uma palavra sem tradução

| Texto-fonte: | Tradução: |
|---|--|
| <p>...there is a striking analogy between the reading of translation in postcolonial theory as a forced replacement of the linguistic and cultural ‘difference’ of the foreign text and the notion of assertive manipulation of the text to be translated, or the ‘<u>womanhandling</u>’ of the text - as Godard calls it - practiced by Canadian feminist translators: “The feminist translator, affirming her critical difference, her delight in interminable re-reading and re-writing flaunts the signs of her manipulation of the text” (1990).</p> | <p>... na teoria pós-colonial, há uma notável analogia entre a leitura da tradução como uma substituição forçada da ‘diferença’ linguística e cultural do texto estrangeiro, e a noção de manipulação assertiva do texto a ser traduzido, ou a ‘<u>womanhandling</u>’¹ do texto (como Godard costuma chamar), praticada por tradutoras feministas canadenses: “A tradutora feminista, afirmando sua diferença crítica, seu prazer em intermináveis releituras e reescritas, ostenta os sinais de sua manipulação do texto”.</p> |
| <p>¹ Nota da tradutora: Em inglês, ‘manhandling’ significa ‘manipulação’. Godard faz um trocadilho com a palavra, substituindo ‘MAN’ (homem) por ‘WOMAN’ (mulher), indicando assim a manipulação do texto feita por uma mulher.</p> | |

Escolhas inclusivas na tradução



Antes e depois de um texto revisado usando a linguagem inclusiva:

(Ex. 1) Texto-fonte: The PACTE [...] carried out an exploratory test, a pilot study and, lastly, an experiment involving 35 professional translators and 24 foreign-language teachers. [...] we performed a pilot test with 15 fourth-year Translation and Interpreting degree students at the Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), before carrying out our experiment, involving a total of 130 first to fourth-year trainee translators and recent graduates, in November 2011.

Tradução: O grupo PACTE [...] realizou um teste exploratório, um estudo piloto e, por fim, um experimento envolvendo 35 tradutores profissionais e 24 professores de idiomas estrangeiros. [...] realizamos um teste piloto com 15 alunos do quarto ano de Tradução e Interpretação na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), antes de iniciar o experimento, envolvendo um total de 130 tradutores iniciantes, do primeiro ao quarto ano, e recém-graduados, em novembro de 2011.

Revisão inclusiva: O grupo PACTE [...] realizou um teste exploratório, um estudo-piloto e, por fim, um experimento envolvendo 35 tradutores/as profissionais e 24 professores/as de idiomas estrangeiros. [...] realizamos um estudo-piloto com 15 estudantes do quarto ano de Tradução e Interpretação na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), antes de iniciar o experimento, envolvendo um total de 130 tradutores/as em formação, do primeiro ao quarto ano, e recém-graduados/as, em novembro de 2011.

Texto: “Resultados da Pesquisa Experimental do PACTE sobre a Aquisição da Competência Tradutória”.
Tradução: Rayssa Amorim, Rayssa Maia e Julie Anne de Brito. Revisão inclusiva: Rayssa Maia. Extrad, 2016.

Escolhas inclusivas na tradução



(Ex.2) **Texto-fonte:** [...] we decided to simulate a longitudinal study by simultaneously taking measurements from groups of first, second, third and fourth-year students and a group of recent graduates. Working with a total of 130 subjects, we collected all our data in November 2011, when students in the first year group had just begun their degree course and could still be considered novice translators.

Tradução: [...] tirando medições de grupos de alunos do primeiro, segundo, terceiro e quarto anos e um grupo de recém-graduados. Trabalhando com um total de 130 participantes, coletamos todos os nossos dados em novembro de 2011, quando os estudantes do grupo do primeiro ano haviam começado o seu curso de graduação e ainda poderiam ser considerados tradutores novatos.

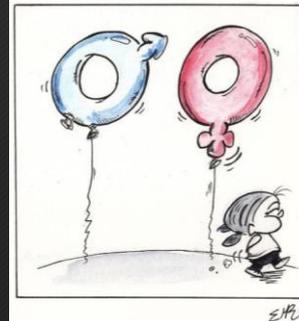
Revisão inclusiva: [...] tirando medições de grupos de estudantes do primeiro, segundo, terceiro e quarto anos e de um grupo de recém-graduados/as. Trabalhando com um total de 130 participantes, coletamos todos os nossos dados em novembro de 2011, quando estudantes do grupo do primeiro ano haviam começado o seu curso de graduação e ainda poderiam ser considerados/as tradutores/as principiantes.

Texto: “Resultados da Pesquisa Experimental do PACTE sobre a Aquisição da Competência Tradutória”.
Tradução: Rayssa Amorim, Rayssa Maia e Julie Anne de Brito. Revisão inclusiva: Rayssa Maia. Extrad, 2016.

Considerações finais

- Cada caso é um caso, o ideal é analisar cada um, ver o que cabe melhor em cada lugar e escolher as estratégias.
- É um tema polêmico, mas a ideia não é IMPOR, e sim refletir e mostrar alternativas de uso da linguagem inclusiva ao traduzir.

“Talvez seja por falta de informação, mas o que se pretende, ao promover um uso não sexista da linguagem, não é que se inverta o uso do masculino pelo feminino. Nenhuma feminista é tão desrespeitosa dela mesma e das demais pessoas, nem tão incoerente como para pedir que se imponha aos homens a invisibilidade, a desvalorização ou a discriminação que as mulheres têm sofrido. Trata-se simplesmente de promover uma linguagem adequada à realidade sem negar qualquer pessoa”. - Manual para o uso não sexista da linguagem. Rio Grande do Sul, 2014.



Considerações finais

- Não há um acordo sobre concepção do gênero gramatical entre as pessoas que estudam o português. O que determina o costume do masculino genérico é a tradição fixada pelo ideal linguístico pré-estabelecido e pelo uso.
- Em 2012, Dilma Rousseff assinou a Lei 12.605, decretando que as instituições de ensino públicas e privadas devem expedir diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido. Houve muita polêmica.



Considerações finais

- Para o gramático Evanildo Bechara:

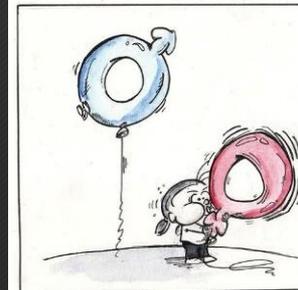
“Pela tradição, o masculino engloba os dois. Quando digo: ‘Almocei na casa de meus tios’, tanto me refiro a tios como a tias. O masculino é usado nos diplomas porque engloba o feminino, seguindo a tradição da língua.”²

- Para o educador Paulo Freire:

“Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: ‘Quando falo homem, a mulher está incluída’. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: ‘As mulheres estão decididas a mudar o mundo?’ [...] Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo.”³

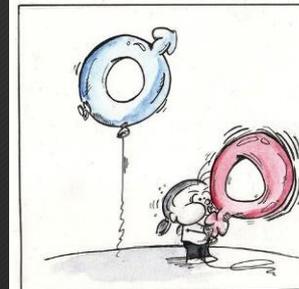
² In: Manual para o uso não sexista da linguagem. Rio Grande do Sul, 2014.

³ In: Linguagem Inclusiva - Linguagem não discriminatória. Rede Mulher, 2013.



Considerações finais

- A língua não só reflete, mas também reforça os estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens em uma sociedade.
- Pensemos no que transmitem frases cotidianas como “os filhos são o que suas mães fizeram deles”, “lugar de mulher é na cozinha”, “caladinha você fica mais bonitinha”... E outras, como “bandido bom é bandido morto”, “homossexualidade é doença”, “lugar de negro é na senzala”...
- Para refletir: “Traduzir é fazer escolhas’, e essas escolhas, mais do que afetar um texto, moldam a forma como nós construímos e percebemos o mundo à nossa volta” - Prof. Daniel Alves.



Referências



- BERTACCO, S. *The Canadian feminists' translation project: between feminism and postcolonialism*. 2003.
- *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Lisboa, 2009.
- *Linguagem Inclusiva - Linguagem não discriminatória*. Rede Mulher, 2013.
- *Manual para o uso não sexista da linguagem*. Secretaria de Políticas para as Mulheres do Rio Grande do Sul, 2014.